

UMA NOVA VERSÃO DO ROMANCE *A MORTE DO REI D. FERNANDO*

Manuel da Costa Fontes*

Em 1869, Teófilo Braga publicou um extraordinário romance da ilha de S. Jorge, Açores (*Cantos*, nº 4; reimpresso no seu *Romanceiro Geral*, I: 475-77), que terminava com versos de *Doliente estava, doliente e Morir os queredes, padre*, dois velhos romances épicos que ainda não tinham sido descobertos na tradição oral. O poema começa com *Silvana* (“i-a”; vv. 1-34)¹ romance em que o pai, que também é frequentemente rei, pede à filha para ela se deitar com ele. A moça queixa-se à mãe, que toma o seu lugar junto ao marido, fingindo ser Silvana².

Apesar da sua rima em “i”, os quatro versos seguintes (35-38) foram adaptados de *Delgadinha* (“á-a”), romance de tema semelhante cuja protagonista é encerrada numa torre³. Em *Delgadinha*, o pai faz encerrar a filha para castigá-la por ter rejeitado a sua proposta incestuosa. Na presente adaptação, quem fecha a moça na torre é a mãe, a fim de protegê-la do pai, e só a deixa sair sete anos mais tarde:

35 Mandou fazer altas torres
A fim d'elle lá não ir;
Ao cabo de sete annos
A mãe as mandou abrir.

A mãe põe Silvana em liberdade quando o marido está prestes a morrer, e Silvana vai vê-lo imediatamente: “Chegara onde o pae estava, / Estava o pae p'ra acabar” (39-40). Obviamente, isto implica que a moça já não está em perigo.

Apesar da sua rima em “á”, esta transição de dois versos deriva de *Doliente estava, doliente*. *Doliente*, romance publicado pela primeira vez por Martín Nucio no seu *Cancionero de romances impreso en Amberes sin año* (c. 1548), retrata o rei D. Fernando I às portas da morte, na companhia de quatro herdeiros, três deles filhos legítimos, e um ilegítimo:

5 Doliente estaua doliente
esse buen rey don Fernãdo
los pies tiene cara oriente
y la candela en la mano
ala cabecera tiene
los sus fijos todos quatro
los tres eran dela reyna

* Modern and Classical Language Studies. Kent State University. P.O. Box 5190. Kent, Ohio, 44242-000. E.U.A.

¹ Os números referem-se aos heptassílabos em que se imprime o romance, e não aos dois hemistíquios de catorze sílabas que mais frequentemente se usam hoje em dia.

² *Silvana* é um romance pan-ibérico que sobrevive na tradição portuguesa, brasileira, galega, castelhana, catalã, sefardita, e hispano-americana. Para bibliografia, ver CMP, P1; TM, II: 1374--1375.

³ *Delgadinha* é também um poema pan-ibérico, e tem a mesma distribuição geográfica que *Silvana*. Para bibliografia, ver CMP, P2; TM, II: 1341-1342.

M. C. Fontes, "A Morte do Rei D.Fernando"

y el vno era bastardo.
(157vo.-158ro.)

A relação desses dois versos com *Doliente* é relativamente certa, dado que o poema prossegue com *Morir os queredes, padre* ("á-a"), romance épico do mesmo ciclo, em que a Infanta Urraca se queixa amargamente ao pai moribundo por ele não lhe ter deixado herança. Então, o rei entrega-lhe Zamora, cidade que o poema moderno transforma num mero "punhal de ouro" (55):

—Oh meu pae da minha alma
Vós estaes para acabar!
Lembrae-vos da grande conta
Que a Deos tendes para dar!
45 A Dom Pedro deixaes tudo,
Só a mim nada deixaes.
—Que mulher é esta aqui,
Que tanto está de enfadada?
—É vossa filha Sylvana
50 Que a deixaes desherdada;
A Dom Pedro deixaes tudo,
A ella não deixaes nada?
—Deos se não lembre de mim,
Se tal filha me lembrava!
55 Aqui tem um punhal de ouro,
Para seu brio sustentar;
Agora que a tua mãe,
Que te acabe de herdar.

Na versão antiga, o rei descreve a cidade a Urraca, observando que o Douro a cerca dum lado, e uma grande penha do outro:

çamora auia por nombre
çamora la bien cercada
de vna parte la cerca el duero
de otra peña tajada.
(Nucio, *Cancionero...sin año*, 158vo.)

A transformação de Zamora num punhal de ouro, é claro, deu-se porque "Douro" é foneticamente equivalente a "d'ouro".

A tradição oral dos Açores foi pouco investigada depois de 1869, e foi só mais de cem anos depois, em 1970, que Joanne B. Purcell voltou a coligir o mesmo romance, gravando duas versões na ilha de Santa Maria (*Novo Romanceiro*, n^{os}. 2.5-2.6). Ainda em 1970, Joanne Purcell descobriu quatro novas versões na Madeira (2.1) e no Porto Santo (2.2-2.4). Como estas seis versões começavam com *Silvana* (2.5 principia com *Delgadinha*, mas *Silvana* segue-se logo depois), era óbvio que, nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, *Doliente* e *Morir* tinham sobrevivido graças à sua contaminação com aquele romance.

Uma equipa dirigida por Pere Ferré recolheu mais sete versões do poema na Madeira e no Porto Santo em 1981, publicando-as no ano seguinte (n^{os}. 1-2, 246-48, 250, 254). Tratava-se de um achado de grande importância, porque duas versões (n^{os}. 1, 250) indicavam que o romance deveria terminar com *Afuera, afuera, Rodrigo* ("á-

E.L.O., 2 (1996)

o”). Nesse poema, cercada em Zamora por seu irmão Sancho e pelo Cid, a Infanta Urraca repreende o Cid⁴, fazendo-lhe lembrar os favores que ele lhe devia⁵:

36 —Tu não te lembras, Rodrigues, daquele tempo passado
que minha mãe te deu vestir e meu pai te deu cavalo
38 e eu te dei a espora d’ouro p’ra te fazer mais fidalgo?
(Ferré *et al.*, n° 250)

A outra versão que inclui *Afuera* (n° 1) é um fragmento que começa com *Morir* (vv. 1-6), reduzindo *Afuera* a só três palavras: “— Nã te lembras” (7). Contudo, em 1985, José Joaquim Dias Marques voltou a entrevistar a mesma informante, Maria da Purificação Rodrigues Melim, que recitou uma versão muito mais completa (Marques, 388-89), dado que começava com *Silvana* (1--18) e prosseguia com *Morir* (19-24), concluindo com uma porção muito mais extensa de *Afuera* (25-28).

Embora *Afuera* nunca tenha aparecido nos Açores, a semelhança entre as versões açorianas e as madeirenses indica que, anteriormente, *A Morte do Rei D. Fernando* consistia em *Silvana* + *Doliente* + *Morir* + *Afuera* nos dois arquipélagos.

O descobrimento destas versões insulares que combinam vários romances sugere que um poema parecido talvez tenha existido também no Algarve. Em 1870, Estácio da Veiga publicou um romance (19-22) que começa com *A Morte do Príncipe D. João*⁶ (vv. 1-16), incluindo versos derivados de *Morir* (17-44), *Afuera* (59-61, 65-72), *O Gastador (Os labraré un pendón)* (62-64)⁷, assim como um bom número de versos de origem desconhecida ou incerta (45-58, 73-78 [*O Conde Alarcos?*]⁸, 79-84). Embora Estácio da Veiga tenha modificado o seu texto, tratando de melhorá-lo à boa maneira romântica, e tivesse conhecimento dos três romances antigos⁹, é muito provável que se tenha servido de versões populares de um romance que, infelizmente, não voltou a ser descoberto no Algarve (ver Marques, 386-89, n. 10).

Martín Nucio publicou no seu *Cancionero de romances...sin año*, um após outro, os três romances épicos que se combinam no poema português. *Afuera* (157ro.-vo.) devia ter sido colocado no fim, mas precede *Doliente* (157vo.--158ro.) e *Morir* (158ro.-vo.). Além de reimprimir esses três romances em sequência correcta na segunda edição do seu *Cancionero de romances* (1550), Nucio expandiu *Doliente* (vv. 21-24) e *Morir* (39-50) com transições que servem para juntar num só os três poemas. Na primeira transição, Urraca também entra no quarto em que morria o pai:

Ellos estando en aquesto
entrara Urraca Fernando

⁴ O romance baseia-se numa passagem épica em que Sancho, num último esforço para evitar o cerco, envia o Cid como emissário à irmã, propondo trocar Zamora por outras terras (ver Menéndez Pidal, I: 234).

⁵ Sobre os boatos épicos de uma relação amorosa anterior entre Urraca e o Cid, ver Armistead.

⁶ Para bibliografia, ver CMP, C14; TM, II: 1360-1361.

⁷ Ver CMP, X3; TM, II: 1353.

⁸ Ver CMP, L1; TM, II: 1334.

⁹ É sem dúvida por estes motivos que, na sua discussão de *Afuera*, Menéndez Pidal decide não fazer caso da versão oral algarvia: "no se aparta de la antigua impresa" (I: 234, n. 235). Contudo, embora Estácio da Veiga só pudesse ter tomado o nome de Ximena Gomes (69) duma fonte impressa, os dois poemas são muito diferentes.

M. C. Fontes, "A Morte do Rei D.Fernando"

y buelta hazia su padre
desta manera ha hablado.
(213)

Anteriormente, a infanta começava a falar com pai no princípio do segundo romance, sem qualquer explicação prévia.

De acordo com a segunda transição, Sancho, o novo rei, e o seu alferes, o Cid, põem cerco a Zamora logo depois da morte de D. Fernando I. Quando as tropas do Cid começam a tomar a cidade¹⁰. Urraca numa torre, fala para ele:

40	El buen rey era muerto çamora ya esta cercada de vn cabo la cerca el rey del otro el Cid la cercaua del cabo que el rey la cerca çamora no se da nada
45	del cabo que el Cid la cerca çamora ya se tomava Assomose doña Vrraca assomose a vna ventana de ala de vna torre mocha
50	estas palabras hablava. (214)

Desta maneira, Nucio transformou os três romances numa trilogia que, de maneira muito geral, condensa o prosificado *Cantar de la muerte del rey don Fernando y cerco de Zamora*¹¹, incluindo a repartição do reino e a morte do rei D. Fernando em 1065, e também o cerco de Zamora em 1072. Embora os três romances estejam separados pelos títulos que Nucio lhes deu (*Romance del rey don Fernando primero; Romance de doña Vrraca; Romance del Cid ruy diaz*), as duas transições mostram claramente que deveriam ser cantados como um só poema.

O poema tradicional português, que também combina os três romances num só, podia derivar directamente da trilogia de Nucio. Por outro lado, podia depender também duma tradição paralela e independente, sugerindo a existência dum protótipo épico que já condensaria os pontos principais da velha canção de gesta. Em 1976, Joanne Purcell sustentou a última hipótese no seu estudo das versões que combinam *Silvana + Doliente + Morir* ("The Cantar")¹², embora ignorasse que algumas versões concluíam com *Afuera*.

Morir, conhecido também como *As Queixas de D. Urraca*, é o único dos três romances épicos que sobrevive noutra área, tendo sido recolhido na Espanha (ver Catalán *et al.*, II: 111-20; Catarella 28, 70-71). Na sua forma ao divino, *As Queixas de Maria Madalena*, o romance já apareceu em Portugal, Castela (ver TM, II: 1367) e Galiza (Valenciano, n° 160). A sobrevivência do poema combinado em somente duas

¹⁰ Isto só se passa no romance. Historicamente, a cidade não chega a ser conquistada, e D. Sancho é assassinado durante o cerco.

¹¹ Chegou-se a crer que tinham existido duas canções de gesta sobre o assunto, uma sobre a morte do rei D. Fernando e outra sobre o cerco de Zamora, mas é mais provável que só tenha havido uma (ver Fraker).

¹² Para um resumo das suas conclusões, ver Purcell, "Recently Collected".

E.L.O., 2 (1996)

áreas laterais muito isoladas e povoadas no século XV, os Açores e a Madeira, é um dos dados que talvez apontem para a existência dum protótipo anterior a 1550¹³.

A maneira como se combinam os três romances épicos varia consideravelmente nas 16 versões portuguesas publicadas. As combinações mais frequentes são *Silvana + Morir* (Ferré *et al.*, n.ºs. 246-48, 254; Purcell, *Novo Romanceiro*, n.º 2.2) e *Silvana + Doliente + Morir* (Braga, *Cantos*, n.º 4; Purcell, n.ºs. 2.1, 2.32.6). Uma versão reúne *Silvana + Morir + Afuera* (Marques, 1989). Algumas versões também contêm versos tomados doutros romances, incluindo contaminações com *Bernal Francês*¹⁴ (Ferré *et al.*, n.º250, n.º 250.16-21; Purcell, n.º 2.3, vv. 14-15), *A Morte do Príncipe D. João* (Purcell, n.º 2.1, v. 24b), *O Conde da Alemanha*¹⁵ (Purcell, n.º 2.5, vv. 12-13) e *A Filha Desterrada (D. Maria)*¹⁶ (Purcell, n.º 2.6, vv. 6-7, 13-21). As únicas versões que apresentam o romance na sua totalidade, incluindo *Silvana + Doliente + Morir + Afuera*, são Ferré *et al.*, n.º 250, e a que se segue.

Minha mulher, Maria-João Câmara, gravou esta versão no sítio da Torre, Gaula, ilha da Madeira, no dia 21 de Julho de 1990. Foi dita por Maria Rodrigues (Aguiar), de 72 anos de idade, que já faleceu:

Ia a D. Selivana por o corredor acima.
2 Se bem canta, melhó baila, maió remorso sentia.
Sê pai na cava mirando, com qu'intenção ele a mira!
4 —Bem podias, Selivana, seres ua noite minha.
—Sêrei ua ò sêrei duas, sêrei vossa toda a vida,
6 mas as penas do inferno, ah pai, quem nas passaria?
—É nas penas do inferno passo nelas todo o dia.
8 —O que tendes, Selivana, o que tendes, filha minha?
—Ó senhora, é el-rei, mê pai, que por sua esposa me queria.
10 —Dá-me cá esses três fatos que tu tens de mais valia,
qu'ê vou-me às altas torres ver o mouro o que é que queria.
12 —Quem à minha porta bate às tais horas, que dormia?
—É vossa filha Selivana, que vem para vos servire.
14 —Se tu nã me trazes honra, a vida te custaria.
—Como posso trazer honra, já quem três vezes paria?
16 Dua vez foi D. João, impèrador de Castilha,
e doutra vez foi São Jorge, impèrador desta ilha,
18 e doutra vez foi Selivana, toda vossa e minha filha.
Nisto o rei adoeceu para a morte, que morria.
20 —A D. João deixo a terra, a D. Jorze cavalaria.
—Ê vou-me por aqui abaixo muito triste e mal fadada;
22 vou pècurá roca e fuso, que mulhé nã tem outra arma.
Vossa filha Selivana, que dela nã se lembrava?
24 —Ai é verdade, que dela nã me lembrava,
mas fica-l' aquela Sabóia, que 'tá acolá bem centrada:
26 pel'um cano deita oiro e por outro é prata lavrada.
'Inda nã amanhècia, já Sabóia foi tomada
28 com duzentos cavaleiros, todos d'espada alvorada.

¹³ Reexaminou o problema em outro ensaio, "The Ballad *A Morte do Rei D. Fernando* and the *Cantar de la muerte del rey don Fernando y cerco de Zamora*" (em preparação), que estuda as versões que combinam os três romances, suplementando assim as conclusões de Joanne Purcell.

¹⁴ Ver CMP, M9; TM, II: 1330.

¹⁵ Ver CMP, M13; TM, II: 1336.

¹⁶ Sobre este romance exclusivamente açoriano, V. o meu "*Dona Maria and Batalha de Lepanto*": 149-52.

M. C. Fontes, "A Morte do Rei D.Fernando"

30 —Tu nã te lestras, Rodrigues, daquele tempo passado,
qu'õ rei era tẽ padrinho e tu eras seu afillado
32 e eu te dei esferas d'ouros para te ver aumentado,
e p'agora vires buscar todo o meu novo estado?

4b+ E ele disse... Ela disse: — 6b+ E depois ele, ele disse: —7b+ E ela vai... Acaba num choro. E a mãe dela sentiu e disse: — 8b+ E ela disse: — 9b+ E ela disse à mãe... A mãe disse: —11b+ E ele... Ela foi. Arranjou-se e foi. E ele lá na sa..., o quarto. 'Tando... Ele diz assim: — 12b+ E ela disse: — 13b+ E ela vai e ela disse... Ela disse... E ele diss' aqui... Ele disse: (*Repete o v. 13.*) [...] — 14b+ E ela disse-l' a ele: — 18b+ E ò depois ele diss' assim: — 21b+ E depois ela, a mulher, disse: — 23b+ E ò depois ele disse: — 26b+ Isto era o... A herança qu' ele deixava à Selivana. E a depois ela... Ainda nã... O rei morreu. Fez aquele testamento e morreu. E ela disse: (*Como, na realidade, as palavras que seguem parecem pertencer ao narrador e não a Silvana, não as faço preceder dum traço, porque não formam parte do diálogo.*) — 28b+ E depois ela disse que era o Rodrigo que tinha vindo buscar a... Ela disse: — 30a qu'õ mê pai. *A informante repete os vv. 23-25. Variantes:* 23b que na deixas deserdada. — 24 —É verdade, senhora, / qu'ê disso nã me lembrava. — 25a *Omite* mas. — 25b qu' está.

Silvana (1-18) corresponde a mais de metade dos 32 versos do romance. *Doliente* só consiste em dois versos (19-20), reflectindo a doença do rei assim como a repartição mencionada na versão do século XVI, mas a rima foi mudada para "í-a" por influência do romance anterior, que apresenta a mesma rima. O relacionamento com a versão antiga torna-se mais claro nas versões açorianas que explicam que a infanta encontra o pai com os pés colocados como os de alguém que está prestes a morrer (como no verso antigo, que reza "los pies tiene cara oriente"), e com uma candeia na mão: "Q'ando chegou à sua casa, / seu pai na cama o tinha // c'õs pés com' a um defunto, / com a candeia na mão" (Purcell, *Novo Romanceiro*, nº 2.5; cf. também o nº 2.6, vv. 22-23). Na parte do poema que corresponde a *Morir* (21-28), Zamora torna--se em "Sabóia" (25), e o "Duero" e a "peña tajada" que cercam a cidade na versão antiga transformam-se em canos por onde correm ouro e prata lavrada (26). Os versos em que duzentos cavaleiros conquistam a cidade logo no dia depois da morte do rei (27-28) reflectem a transição acrescentada em 1550, segundo a qual Sancho e o Cid põem cerco a Zamora imediatamente. Os últimos quatro versos (29-32) correspondem a *Afuera*, reduzindo esse romance a uma forma condensada da repreensão do Cid por parte de Urraca, e eliminando o diálogo que se segue entre os dois, a flecha de amor que trespassa o coração do Cid, e a sua despedida dos soldados que o tinham acompanhado.

Obras citadas

- ARMISTEAD, Samuel G., "'The Enamored Doña Urraca' in Chronicles and Balladry". *Romance Philology*, 11 (1957-1958), pp. 26-29.
- BRAGA, Teófilo, *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, Porto, Livraria Nacional, 1869.
- *Romanceiro Geral Português*, 2ª ed., Lisboa, Manuel Gomes, 1906, 1907; J.A. Rodrigues, 1909, 3 vols..
- CATALÁN, Diego, J. Antonio Cid, Beatriz Mariscal, Flor Salazar, Ana Valenciano, e Sandra Robertson, *CGR: Catálogo general del romancero. El romancero pan-*

E.L.O., 2 (1996)

- hispánico: Catálogo general descriptivo*, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1982-1988, 4 vols.
- CATARELLA, Teresa, *El Romancero gitano-andaluz de Juan José Niño*, Sevilla, Fundación Machado, 1993.
- CMP= Armistead, Samuel G., *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances y canciones)*, Madrid, Cátedra Seminario Menéndez Pidal, 1978, 3 vols.
- FERRÉ, Pere, Vanda Anastácio, José Joaquim Dias Marques, e Ana Maria Martins. *Romances Tradicionais*, [Funchal], Câmara Municipal, 1982.
- FONTES, Manuel da Costa, “The Ballad *A Morte do Rei D. Fernando* and the *Cantar de la muerte del rey don Fernando y cerco de Zamora*” (em preparação).
- “*Dona Maria* and *Batalha de Lepanto*: Two Rare Luso-American Ballads”, in Joanne B. Purcell et al. (orgs.), *Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form*, pp. 147-57.
- FRAKER, Charles, “The Beginning of the *Cantar de Sancho*”, *La Corónica*, 19 (1990-1991), pp.5-21.
- MARQUES, José Joaquim Dias, “Imagens e Sons do Romancero Português”, in Pedro M. Piñero, Virtudes Atero, Enrique J. Rodríguez Baltanás, e María Jesús Ruiz (orgs.), *El Romancero: Tradición y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romancero (Sevilla-Puerto de Santa María-Cádiz, 23-26 de Junio de 1987)*, Sevilla-Cádiz, Fundación Machado-Universidad de Cádiz, 1989, pp.381-412.
- MENÉNDEZ Pidal, Ramón, *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1953, 2 vols.
- NUCIO, Martín, *Cancionero de romances impreso en Amberes sin año*, org. Ramón Menéndez Pidal, Madrid, CSIC, 1945.
- *Cancionero de romances (Anvers, 1550)*, org. Antonio Rodríguez-Moñino, Madrid, Castalia, 1967.
- PURCELL, Joanne B., *Novo Romancero Português das Ilhas Atlânticas*, 1, org. Isabel Rodríguez-García e João A. das Pedras Saramago, Madrid, Seminario Menéndez Pidal-Universidad Complutense, 1987.
- “Recently Collected Ballad Fragments on the Death of Don Fernando I”, in Joanne B. Purcell et al. (orgs.), *Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form*, pp.158-67.
- *The Cantar de la muerte del rey don Fernando in Modern Oral Tradition: Its Relationship to Sixteenth-Century Romances and Medieval Chronicles*, Dissertação de Doutoramento, University of California, Los Angeles, 1976.
- PURCELL, Joanne B., Samuel G. Armistead, Eduardo M. Dias e Joanne E. March (orgs.), *Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form / As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso*, Los Angeles, University of Southern California, 1976.
- TM = Fontes, Manuel da Costa, *Romancero da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, coligido em colaboração com Maria-João Câmara Fontes, prefácio de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, transcrições musicais de Israel J. Katz, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, Universidade, 1987, 2 vols.

M. C. Fontes, "A Morte do Rei D.Fernando"

VALENCIANO, Ana, *Catálogo-Antología del Romancero de Galicia*, Madrid, Instituto Menéndez Pidal (no prelo).

VEIGA, S[ebastião P[hilippes] M[artins] Estácio da, *Romanceiro do Algarve*, Lisboa, Joaquim Germano de Sousa Neves, 1870.

ABSTRACT

A Morte do Rei D. Fernando is a rare Portuguese ballad (Madeira and Azores) that combines Silvana ("i-a") + Doliente estaba, doliente ("á-o") + Morir os queredes, padre ("á-a") + Afuera, afuera, Rodrigo ("á-o"). The last three text-types, which are ultimately derived from the Cantar de la muerte del rey don Fernando y cerco de Zamora, are undoubtedly related to a poem published by Martín Nucio in 1550. Nucio prints the three ballads in the same sequence, and linked with appropriate, traditional transitions. In the Portuguese tradition, the three epic text-types appear in a variety of combinations. The new version presented in this paper is extremely rare, for it is the second one to include all of them.